

Manuela Jardim

... na feliz miscigenação das coisas



24 de Maio a 9 de Julho, 2016

CASA DA LIBERDADE - MÁRIO CESARINY

Em memória de Maria de Jesus Barroso

Obra da capa:

Reencontros - XXIII

Técnica mista s/ pasta papel artesanal
50x50cm, 2008
MMJ39



Reencontros - XXI

Técnica mista s/ pasta papel artesanal
50x50cm, 2008
MMJ40

VIAJANTES DO TEMPO

(...) Manuela Jardim é uma pintora de grande talento e rara sensibilidade que já nos tem proporcionado, com os seus belíssimos quadros, momentos inesquecíveis de grande beleza e emoção. São as formas, são as cores que ela utiliza com uma mestria e imensa delicadeza que nos regalam os olhos e se inscrevem na nossa alma, compensando-nos da violência que está ferindo o mundo em que vivemos.

A arte é um dos instrumentos que, humanizando a sociedade, pode ajudar-nos a vencer essa violência. (...)

MARIA DE JESUS BARROSO SOARES - 2006

(excerto de texto do catálogo da exposição de Manuela Jardim, “Viajantes do Tempo”, Universidade de Aveiro)

Es·pon·tâ·ne·a

(latim *spontaneus*, -a, -um) *adjectivo*

1. Não aconselhado nem forçado; feito ou dito de livre vontade.
2. Que se realiza por si só e sem causa aparente; que não é provocado.
3. [Botânica] Que nasce e se desenvolve sem ser semeado ou cultivado e sem cuidados especiais. = BRAVIO, BRAVO, SELVAGEM, SILVESTRE in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013
www.priberam.pt/dlpo/espont%C3%A2nea [consultado em 05-04-2016]

Esponaneamente feliz

“Feliz quem não exige da vida mais do que ela espontaneamente lhe dá, guiando-se pelo instinto dos gatos, que buscam o sol quando há sol.”

Fernando Pessoa

Da possibilidade de miscigenação (feliz) das coisas, nos fala Manuela jardim, não recorrendo ao uso de vocábulos, antes desafiando panos simples, porfiando rafia e sisal como se de seda se tratasse, tal a dignidade e beleza que empresta, ministra, às obras criadas.

Manuela Jardim é como que uma fada laboriosa, cuidando do destino dos que, não sabendo, dela dependem: os magos e os artífices de todas as latitudes. Funde na concreção do espaço o sintomático devir das coisas, une-as, embelezando-lhes a forma e o ser.

Nestas construções edificadas com recurso a materiais desperdiçados, fonte de saber acumulando-se no desperdício dos dias, Manuela reconstrói uma identidade há muito perdida: o momento em que não tinha havido ainda qualquer Babilónia apartando os povos, nem línguas divisionistas, nem estados. Apenas e só uma fruição única de todos os seres, consigo próprios. Claro que nos conta a história de um tempo inexistente mas não, de todo, impossível.

Há nestas obras um latejar, quase súplica, de entendimento, de apropriação dos medos e receios para que, num gesto subtil, redentor, nos possamos imaginar aí, nessa suspensão lívida, limpa, onde as civilizações se cruzam e se detêm. Se enamoram a tal ponto que deixam de existir singularmente, passam a ter uma voz e um destino comum. Sem fronteiras, nem quaisquer obstáculos à plena concretização da mais profunda e ancestral aspiração humana: a sua felicidade.

Por isso, esta minha permanente admiração, este espanto. Nas obras de Manuela Jardim encontro um fio tecido-condutor que nos pode elevar a uma percepção outra do mundo e de nós próprios. Na profusão iconográfica utilizada, na miscigenação dos símbolos, há uma forma admirável de redenção para as angústias deste tempo divisionista em que vivemos e isso, por si só, é uma realização notável. Surpreendente.

Foi um prazer (e uma honra) estabelecer com uma autora tão sensível e destemida, tão lúcida e a um mesmo tempo, sonhadora, um percurso e um diálogo que terminam nesta mostra, para se dar o início de um outro tempo no trajeto da artista. Espero, sinceramente, que esta exposição permita que seja dado a Manuela Jardim o reconhecimento que a sua obra merece e justamente reclama.

Da minha vivência, acumulada ao longo de quase vinte anos como galerista e comissário de exposições, relacionei-me com muitos artistas, alguns dos quais já falecidos e de quem guardo a maior saudade. Poucas ocasiões tive, contudo, de sentir o meu trabalho como algo tão decisivo, como neste caso. É que, na sua doce forma de existir, a artista nada espera para si, nenhuma razão evoca para justificar a atenção que ela e a sua obra devem merecer. É que estamos perante um caso único e os casos únicos, nas artes como em tudo na vida, sobretudo os que tocam a semente-centelha de génio, devem merecer-nos toda a atenção.

CARLOS CABRAL NUNES – Maio 2016

PREPOSIÇÃO EXPOSITIVA

Panos, módulos, construções, colagens ou simplesmente objectos, é o que define os trabalhos que constam nesta exposição. Tratando-se do meu mais recente projecto, caracteriza-se por reunir materiais e objectos funcionais preexistentes que, descontextualizados, são materializados em novos contextos, privilegiando outras mensagens, outras narrativas possíveis. O objecto, como técnica artística, renovando-se assim, imiscuindo-se em dialógicos conceitos de arte. Materiais que não se concebiam como sendo apropriados para a expressão artística, são aqui incorporados, tornando-se válidos e idóneos. Linhas, manchas e grafismos de linguagem plástica, complementam a composição pictórica, agregando à função icónica, os valores tácteis, sensoriais e afectivos.

Este processo artístico, orientado para o objecto, surge na obra, a partir do trabalho de pesquisa sobre têxteis africanos, realizado a partir de 2003, remetendo para um encontro com as origens, alargando um horizonte expressivo e estético de comunicação.

Na descodificação da linguagem estrutural, formal e simbólica dos panos, encontra-se a lógica dos objectos, na sua formulação artística: A teia de signos visuais, criada por linhas que se cruzam e divergem, as cores (azul mar, ocre-terra, preto e branco) e a organização em bandas ou módulos.

Encontro, sucessivamente acontecendo na obra, com a incorporação do tempo mítico no tempo real, pela conjugação do onírico com o exótico, propondo pistas para a compreensão de comportamentos derivados da sua ascendência genética, símbolo de verdadeira mestiçagem.

Na miscigenação (feliz) das coisas pode estar a chave e o segredo daquilo que nos reste ainda sonhar, desejar. Assim o espero.

MANUELA JARDIM



Reencontros - XIX

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ38



Reencontros - XIII

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ32

MAR DE AFECTOS

Teixeira de Pascoais disse que” o anjo da nossa infância vive nos poetas sacros da Galiza como o Deus Pi, outrora, nos bosques da Arcádia. Os poetas da Galiza são poetas sagrados. Reveste-os uma auréola imaculada. A concupiscência do Verbo não os maculou ainda; e o espírito fulge na sua nudez esplendorosa”. E o grande estudioso de Rosalia de Castro – Ernesto Guerra da Cal – diz que estas palavras as teria escrito Pascoais pensando em Rosalia.

Ao saber agora da exposição “Mar de Afectos”, de Manuela Jardim, em Vigo, acudiu-me a lembrança de Rosalia, a grande poetisa galega. E pareceu-me extremamente adequado o encontro de duas mulheres – distanciadas no tempo é verdade – mas tão próximas na sensibilidade e talento.

A “divina Rosalia” de Pascoais, a “santa protectora da terra da Galiza”, “coração de mulher aberto à luz do céu” vem-nos à memória quando olhamos os quadros da pintora que ora expõe nesta terra que Pascoais chamou, num dos poemas mais belos da literatura portuguesa, “a nossa terra mãe”.

Os temas que Manuela Jardim escolheu e a maneira como os trata dão-nos conta do entrelaçamento entre as duas culturas que a inspiraram, numa tessitura estreita que lhe confere uma originalidade, uma riqueza de recursos, uma finura de olhares enorme. E daí o nosso deslumbramento quando olhamos os seus quadros, deslumbramento que vem do fundo da nossa interioridade e que, por isso, nos faz ficar silenciosos.

As cores são versos de poemas de amor. O movimento e ritmo das linhas com que nos fala dos mares, das tempestades e das emoções, dos seres humanos no seu enquadramento laboral ou

em cenas idílicas estão repassados de um lirismo impressionante. E tal como Rosalia, que tece com as palavras poemas de amor inconfundíveis, Manuela Jardim tece-os com as imagens, as cores e os ritmos. Mas são ambas poetisas do amor.

Confesso que não conhecia Manuela jardim – ela é tão discreta que se apaga quando nos vê.

E nós não adivinhámos a dimensão da sua estatura. Só depois de contemplarmos os seus quadros nos damos conta dessa dimensão – com espanto e com uma enorme emoção e prazer.

Penso que foi uma ideia feliz levar Manuela jardim a Vigo, não só dando conta de uma grande pintora e, portanto, de parte da nossa cultura, como também para percebermos o que temos de comum com outras culturas, às vezes tão próximas e que pensamos tão distantes.

A da Galiza é uma delas, a Galiza que deu ao mundo uma Rosalia de Castro – “a divina Rosalia, Senhora da Saudade e da Melancolia”, tão próxima de nós na tradução dos seus sentimentos.

Também a nossa grande pintora Manuela Jardim soube traduzir os seus estados de alma com a mesma força e a mesma profundidade, embora numa linguagem diferente.

Mas ambas “alma, só alma, apenas alma em flor”, tal como disse Teixeira de Pascoais.

MARIA DE JESUS BARROSO SOARES

(texto incluído no catálogo da exposição “Mar de Afectos”, patente no Instituto Camões, em Vigo)



**Ideias Construídas -
Aromas da Memória I**
Técnica mista s/ serapilheira
150x200cm, 2015
MMJ47



Série Cromofonias

Tingidura artesanal sobre pano, 247x35cm, 2015 | MMJ1,2,3,4,6,8,9



Série Cromofonias

Tingidura artesanal sobre pano, 247x35cm, 2015 | MMJ5,7,10,11,12,13,15

ATÉ Á SOLEIRA DA PORTA DE MANUELA JARDIM

Quando pela primeira vez vi a obra de Manuela Jardim, percorri quilómetros em pensamentos, para melhor conhecer a sua Arte. Desisti depois desta maluca ambição. Optei por querer conhecer a artista, porque espantou-me o seu linguajar através do resultado estampado nas suas telas. Não sabendo onde e como cresceu, intrigava-me pelo aspecto dos seus temas possuírem uma gramática mitológica.

Quando me auto-convidei um dia a escrever sobre ela o tinha dito meio a brincar. Senti-me depois quase arrependido quando ela levou a sério o meu desejo tão ambicioso. Manuela Jardim, aquela mulher tão sorridente e humilde tem uma carga injectada no seu íntimo. Quase que possuída por espíritos antepassados ela deve ser contadora dum passado africano.

Conta sobre coisas míticas vividas de uma curta vivência infantil na Guiné-Bissau, onde as entranhas das florestas embutiram na sua alma o teatro misterioso. Através das suas conversas aparece-nos pela frente um espectáculo arrepiante, mas fascinante quando fala de répteis e doutros animais. Antes pensava que era inventora de «estórias» como se se tratasse de uma literatura «novelescada». Tendo ouvido tantas fábulas oraturadas para mim pelos meus avós, parecia-me estar de novo a ouvir o meu passado. Manuela falou-me tantas vezes de convivência com répteis onde a jibóia não ficou de fora. Algumas destas «estórias» foram contadas dentro do seu carro em andamento e continuaram depois de ter chegado para o lado de lá da soleira da porta de sua casa.

Manuela jardim pinta um clima africano, e os seus recônditos num clima europeu. Exercita-se com/sem dificuldades para espelhar o ritmo e o som dos tambores dessa Guiné nas suas

telas. Olhando atentamente para a sua obra é como que exercitada por flautas dessas florestas sopradas por fantasmas que só ela sabe vivê-las.

É para mim tão importante termos uma artista como a Manuela, que sabe transportar-nos para outros mundos. Naveguei quilómetros de pensamentos até me aperceber da sensibilidade da artista. Ela preenche um espaço cultural numa dinâmica mais veloz que o tempo que temos.

Manuela Jardim tem para mim um grande mérito, retracta para o mundo esse seu interior como cumpridora duma missão. Caminha, encaminhando outros para o saber sobre o mundo, que não seja só através daquilo que a natureza nos deu. Alimenta-nos daquilo que lhe vai na alma e engravida o espaço para colhermos os frutos que nos enriquece. Estarmos perante a sua obra é bebermos uma sabedoria que acrescenta o nosso conhecer. A sua imaginação é provocante, é uma colmeia que não se esgota, como as fontes de água jorrando sem parar.

Não sei se me repito, pois não estou a reler o que escrevi. Gostaria de dizer ainda que, realmente o que fascina na artista é a convicção. Como que possuída por deuses ela vai gerindo uma decisão de ser transmissora daquilo que é a sua herança de espíritos africanos (através da mãe) e europeus (através do pai). Estou convicto de que, artistas do tipo da Manuela Jardim vivem com as palmas das mãos um ritmo de batuqueiros e adufeiros. Vivem possuídos de duas culturas. Manuela Jardim vive possessa dum espírito que a leva a pegar nos instrumentos: tela pincel, tintas e pensamentos para «didacticar» sobre o « simbiosar » das culturas, num jeito de profunda homenagem a dois continentes, o africano e o europeu como portadora de uma mensagem.

MALANGATANA VALENTE NGWENYA – Artista
(In exposição “Poética de um percurso (in) temporal”, Galeria A. Bual, Amadora, 2000)



Reencontros - XXIII

Técnica mista s/ pasta papel
artesanal colado em tela
100x100cm, 2005
MMJ42

TRÊS LINHAS SOBRE MANUELA JARDIM...

Cursou escultura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa onde tive o agrado de a acompanhar como docente.

Recordo o universo imaginário da estudante, silhuetas e atitudes expressivas / contidas que foram ponto de partida e procura de seu mundo interior original.

Inventaria elementos culturais que a intrigam e motivam numa relação íntima fecundante.

Formas elementares, texturas e jogos de cor peculiares de um património de usança diária induzem em Manuela Jardim um percurso a que se prende, a liberta e encanta.

Estética manifestamente singular de fonte memorativa pressupõe identificação e encontro, processo assente na análise e visão encantatória de um referente patrimonial popular.

Consequentemente suas elaborações plásticas, “janelas libertadoras”, perspectivam acontecido e devenir, local e universal. As luminosidades e transparências surgem obsessivamente impregnadas do referente imaginário.

Viaja até nós com humildade, humanidade e...
empatia.

ANTÓNIO TRINDADE – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
(*In* catálogo da exposição “No mercado de Bandim”, espaço A. Borges Coelho, Lisboa, 2012)



Série Reencontros

Téc. mista s/ pasta papel artesanal
100x30cm, 2008 | MMJ26



Reencontros - X

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ29



Reencontros - XV

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ34



Série Reencontros

Técnica mista e estampagem sobre pano, 290x70cm, 2015
MMJ16,17,18,19,20



Série Reencontros
Técnica mista sobre pasta papel artesanal, 100x30cm- 2008
MMJ23,24,25,49

BELENDJI (*panos*) REFLEXOS DA REPÚBLICA

Manuela Jardim, natural da Guiné – Bissau, teve o privilégio singular, na qualidade de pintora, de interpretar o significado profundo da ancestralidade guineense: os panos, os mares, os búzios, a sua história e a sua linguagem/mensagem.

Como é óbvio, cada arte serve-se de um certo número de sinais ou de meios de expressão, dependendo o seu sentido final, da natural e equilibrada vocação em reunir e contextualizar as peças existentes. Neste quadro, a consciência aguda e motivadora presentes na obra de Manuela Jardim, emerge em consequência do diálogo interior intenso e o exterior fenomenológico exuberante (aldeias, o litoral, vagas de ondas, a terra e os homens), lugar comum de encontros e de olhares distintos, e da afirmação da cultura guineense num espaço heterogêneo e convivente entre o próximo e o distante.

O encontro consigo mesma, no calor das noites dos «irans», a procura da vivência e significância mítico - simbólica, constitui um momento favorável ao desenvolvimento e consolidação de um olhar sincrético e subtil, em que tanto se combinam harmoniosamente a disciplina técnica e o carácter da universalidade do sentimento moral, como também a responsabilidade que marca as suas expressões artísticas.

Lugar de referência em BELENDGI, anteriormente no Templo de Mitos que lhe granjearam o nome de uma grande pintora guineense. Detentora de uma herança cultural muito forte e o sentido pragmático da liberdade que a infância e a educação lhe proporcionaram, a artista, representa as mulheres, os mares e os ritos ligados ao BELENDGI e os lugares que ocupam, ainda hoje, na sociedade autóctone guineense.

Encontramos, sucessivamente, na sua obra, a incorporação do tempo mítico e simbólico no tempo real pela conjugação ímpar da grande variedade rítmica do exótico, propondo-nos pistas para compreendermos comportamentos derivados do legado cultural guineense. É com essa condição que nos apresenta a mulher guineense, na sua condição de mulher tradicional, despida de preconceitos, mas essencialmente harmoniosa com os seus usos e costumes. Longe da sua terra natal, a pintora Manuela Jardim vem testemunhar, mais uma vez, a concretização de um sonho distante num quadro onde as cores por si, falam mais alto.

CELESTINO MACEDO - Professor universitário
(In catálogo da exposição “Belendgi”, galeria Verney, Oeiras, 1998)



Reencontros - XXIII

Técnica mista s/ pasta papel
artesanal colado em tela
100x100cm, 2005
MMJ42

TEMPLO DE MITOS

Templo de Mitos é o feliz tema dado por Manuela Jardim à sua mostra de expressivos trabalhos inseridos em dinâmico espaço pictórico, inquieto na coexistência de múltiplos tempos (in) conformados. (Há manifestamente um universo em expansão). Se por vezes podem ler-se os registos (in)diferenciados de cromatismos suavemente aquecidos e disciplinadores da textura global do(s) suporte(s), vemos por outro lado o (re) surgir dos ritmos mais vibrantes, reveladores, de um fabulário mítico de agradável recorte.

Na escrita do gesto (in)controlado flui a água com seus múltiplos rostos de diafania: a viagem é um imaginário habitado por lembranças ou memórias de um oriente nostálgico e afetivo: labirintos nebulosos, ocultação da noite ou da madrugada, mistérios indecifráveis num brumário de ruínas (romântico - góticas?) ...

A representação da mulher, matriz e rito, é ainda a da guardiã do seu matriarcado conservantista que (a)guarda, e sabe transmitir a tradição. Também ela, como sempre, profetisa.

Pintura no feminino não somente pela atitude operativa – apelativa por um laboratório que visa celebrar a luz – a água – os elementos, «mi - matière mi – esprit» e onde a criadora é criatura que se harmoniza.

Manuela Jardim é detentora de uma herança cultural de matriz plural e rica – o sangue muçulmano manjaco – cristão português – corre-lhe nas veias.

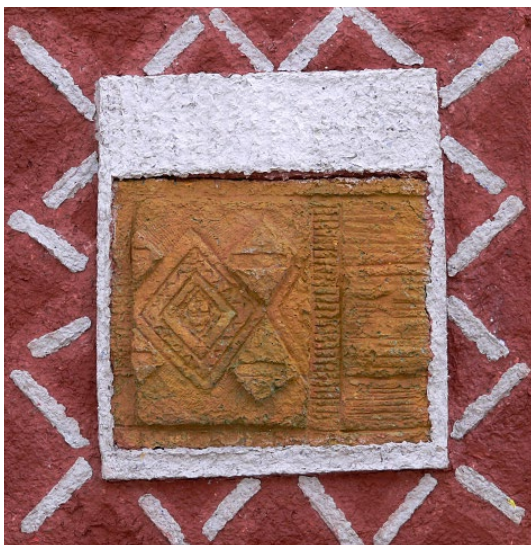
Ela nada menospreza, antes releva das partes intrinsecamente retidas como sinal imperativo da sua natural generosidade genética.

Não sei se da velha componente de raiz popular, folclórica mesmo, com os seus etnodramas subjacentes a qualquer processo evolutivo de sedimentação do(s) povo(s). Se já da substituição ou da transferência para uma universal paleta natural ou (in)consciente-mente assumida, onde todas as outras estão implícitas, (sem conflito ?!) ...

(...) Creio daí inferir que os valores espirituais eleitos na sua pintura rumam aos caminhos e aos cânones do sagrado e do profano, num todo que se amoriza em ofertório.

(...) No Humanismo que todos queremos fruir é que o fenómeno artístico deve ensaiar-se, sem arrogância, como exercício lúdico e ético da liberdade!

ELEUTÉRIO SANCHES - artista plástico
(excerto, In catálogo da exposição “poética de um percurso (in) temporal”, galeria A. Bual, Amadora, 2000)



Reencontros - XI

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ30



Reencontros - XII

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ31



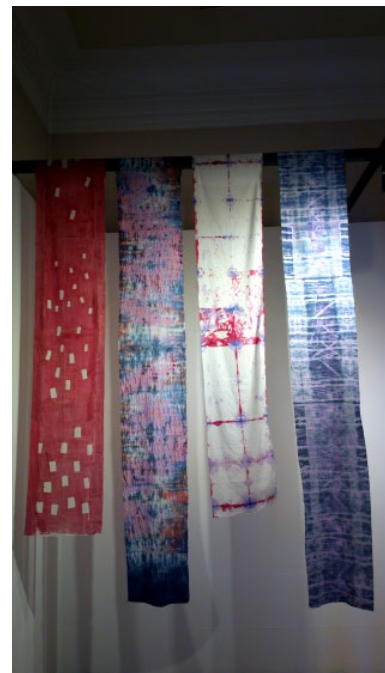
obras da **Série Cromofonias**
expostas no Banco de Portugal
Leiria, 2016



Transmutações - II, III, IV, V
Esculturas em Terracota
23x7x7cm, 2005 | MMJ52



Transmutações - I
Escultura, téc. mista
160x60x30cm, 2005 | MMJ51



obras da **Série Cromofonias**
expostas no Banco de Portugal
Leiria, 2016



Viajantes no Tempo - I
Escultura - técnica mista, diversos
130x65x50cm, 2005 | MMJ22



Reencontros - XXIX
Téc. mista s/ papel reciclado
100x30cm, 2008 | MMJ50



Viajantes no Tempo - II
Escultura - técnica mista, diversos
130x65x50cm, 2005 | MMJ22

TANTO MAR

Mar, naus, caravelas, especiarias, ilhas afortunadas, tormentas, naufrágios, miragens – sempre marítimas, a última nau, azul, mar, tanto mar.

Utilizando o azul, os ocre, amarelos, e os cinzas, a pintora Manuela Jardim prossegue a sua viagem na senda da Mensagem de Fernando Pessoa, mas sublinho, a sua própria viagem.

É por isso que as especiarias caem como um pó sobre a tela, o branco do marfim, o castanho da canela, o ouro, através de uma composição em linhas a que não é alheia a panaria da terra natal da pintora, a Guiné-Bissau.

A sua pintura deixa-nos sempre uma sensação de algo por revelar, temos a experiência de uma iniciação que, ao mesmo tempo que nos deixa ver, esconde um mundo a descobrir para além das velas e dos véus.

É por isso que não sabemos para onde a conduz a última nau.

De uma coisa podemos estar certos, se houver terra e gente, Manuela Jardim dir-nos-à um dia o espanto e o fascínio do encontro.

JOSÉ LEITÃO - Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas
(In catálogo da exposição “Atlântida”, espaço Oikos, Lisboa, 1998)



Reencontros - XVI

Téc. mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008 | MMJ35



Reencontros - XVII

Téc. mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008 | MMJ36

DONNÉES BIOGRAPHIQUES

Dans les œuvres de Manuela Jardim on trouve, associées à son activité créatrice de peinture, les fonctions didactique de professeur dans un ensemble culturel productif qui marie la jouissance esthétique (dimension ludique de l'existence) et l'éducation par l'art (fonction pragmatique de la vie) ; à ce modèle pédagogico-ludique il ne sera pas étrangère son origine africaine dont la culture ne conçoit même pas l'idée de l'art séparée du côté concret de la vie de la quotidienneté.

Manuela Jardim est née, en effet, à Bolama, en Guinée, en 1949, elle a fait ses études à Lisbonne où elle a obtenu la Licence en Sculpture à l'Ecole Supérieure des Beaux-Arts en 1975 et a fréquenté les Cours de Gravure, Textiles et Décoration à la Fondation Ricardo Espírito Santo à Lisbonne et de Sérigraphie à l'Institut National d'Education Populaire de Paris.

Dans son ensemble, sa peinture participe à la représentation du Portugal à la Biennale des artistes à travers les Pays Méditerranéens : Grèce en 1986 et Marseille en 1990. En expositions collectives, depuis 1980, elle a participé à plus de cinquante manifestations internationales et, individuellement, surtout depuis 1989, elle a réalisé des expositions au Portugal et à l'étranger qui ont obtenu diverses Mentions d'Honneur et des Prix pour œuvres.

Ce qui est singulier d'autre part dans l'activité de Manuela Jardim c'est le projet individuel de peinture qu'elle développe depuis 1978, inspiré par la dynamique des Commémorations des Découvertes Portugaises, une entreprise historique qui

consigne l'essentiel de la raison culturelle de l'auteur, en vertu de la place de référence presque inaugurale qu'y tient la Guinée – Bissau.

La dimension des échanges culturels rendus possibles par les Découvertes, comme postulat des son programme créatif, la circulation du message lyrique que, de l'Histoire, et dans une attitude d'observateur participant, la «peinture lyrique» récupère comme représentation d'instant de souvenir-vecu (E.Staiger) contemporain.

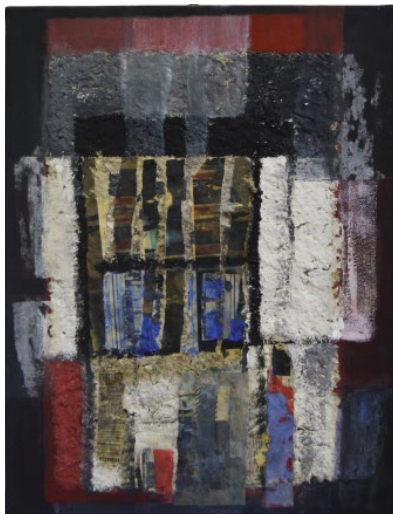
La logique de l'onirique deviendra alors présente avec ses éléments symboliques d'eau et d'itinérance errante avec des croisements, des rencontres, des chocs, des ren-rencontres, dans une organisation «labyrinthique» de signes visuels, où des nuances, des couleurs et des transparences participent à la création de formes et de rythmes (figures, silhouettes, masque, symboles-insignes) qui expriment l'émergence même de la vie comme forme d'art.

Alberto Carvalho (professeur universitaire)



Reencontros - XXII

Téc. mista s/ pasta
papel artesanal
50x50cm, 2008
MMJ/41



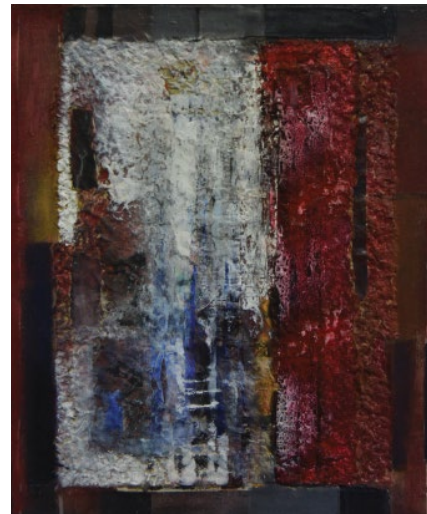
Reencontros - XXV

Téc. mista s/ papel reciclado
40x30cm, 2004 | MMJ44



Reencontros - XXVI

Téc. mista s/ papel reciclado
40x30cm, 2004 | MMJ45



Reencontros - XXVII

Téc. mista s/ papel reciclado
40x30cm, 2004 | MMJ46



Templo de Mitos II
 Escultura - técnica mista
 52x15x16cm, 2015
 MMJ28



Templo de Mitos I
 Escultura - técnica mista
 56x17x20cm, 2015
 MMJ27

ENTRE O TEMPORAL E O INFINITO

É implícito o reconhecimento duma certa aspiração de simbolismo cósmico no já longo tirocínio pictórico da artista Manuela Jardim.

Pinta com surpreendente serenidade, alheia ao obcecante delírio espaço - temporal dos mutantes conceitos estético - filosóficos, no contexto da realidade universal, particularmente permeável às excentricidades especulativas da arte kitsch, que na modernidade é, por vezes, a aberrante expressão de incontidas obsessões e frustrações artísticas.

A sua arte, de um lirismo impressionista marcadamente espiritual, exprime-se em imaginárias abstrações de transparente beleza onírica no plano pictoral.

As antropometrias imagéticas, de acentuada empatia étnica, reflectem um judicativo ecletismo das figuras que captura, quase sempre, em enigmáticas poses plásticas de harmoniosa quietude e místico silêncio, na fímbria da evasão nirvânica que precede o iminente salto para o irreal.

A pintura poética ou metafísica de Manuela jardim, encerra uma feliz combinação abstraccionista de tendências plásticas, desde o orfismo ao futurismo, do cubismo ao purismo, do sincronismo ao automatismo.

Na crítica que escrevemos em 1992, a propósito da exposição que realizou na Galeria da Secretaria Regional de Turismo e Cultura, reconhecemos que a artista estaria então muito mais próxima de Arpad Szenes do que do estilo construtivista linear e rectilíneo de Vieira da Silva. Curiosamente, desde

aquela data, a apetência plástica de Manuela Jardim evoluiu esteticamente para um singular abstraccionismo, caracteristicamente curvilíneo, quase sempre de contornos definidos por arquitecturas espectrais, mais contrastados pelas cores prismáticas e menos lineares, em fantasmagóricas manchas geométricas de reverberantes mosaicos, tecidos em tapeçarias policromáticas que dão forma a um imaginário xadrez de criptologias pictóricas de intensa ressonância esotérica, dentro e fora da tela.

(...) Por fim, tendo em conta o incontestável mérito artístico da pintora e a sua própria ascendência étnica, consideramos de vital importância referir, para finalizar esta nota introdutória à sua actual exposição, um pequeno excerto duma recente crónica publicada, numa das mais divulgadas publicações europeias da especialidade, pelo eminente crítico de arte e comentador cultural contemporâneo Nicolas Bourriaud, que sintetiza uma oportuna e judiciosa apreciação sobre os destinos da arte em especial, e da globalização da cultura em geral, nos nossos tempos:

«Aujourd `hui, les alliages et les métissages constituent le moteur de la culture contemporaine, dans l `art comme dans la littérature, le cinéma ou le design».

JOÃO SILVÉRIO PIRES - Fundação João Silvério Pires
(Excerto de texto do catálogo da exposição «o Ser e o Cosmos», Funchal 1999)



Reencontros - XVIII

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ37



Reencontros - XIV

Técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x50cm, 2008
MMJ33

BIOGRAFIA

Manuela Jardim nasceu em Bolama, na Guiné. É licenciada em escultura pela Universidade de Belas Artes de Lisboa, em 1975. Frequentou os cursos de gravura, têxteis e decoração da Fundação Ricardo Espírito Santo e serigrafia no Institut National D'Education Populaire de Paris.

De 1984 a 1989 exerceu funções de técnica de artes plásticas na FAOJ, sendo autora de vários cartazes de divulgação cultural daquele organismo. Integrou a equipa de representação de Portugal na Bienal dos Artistas dos países do Mediterrâneo, na Grécia em 1986 e na França em 1990.

É autora de dois selos e um bloco filatélico comemorativo da visita de sua santidade o Papa João Paulo II à Guiné em 1990. É autora da serigrafia comemorativa do Centenário do Aquário Vasco da Gama em 1998 e é também autora do quadro que serviu de divulgação ao Colóquio "Océan: archipel d'archipels" do Instituto Franco-Portugais em 1999.

Nos anos de 2002/3 Manuela Jardim, artista plástica e professora, desenvolveu um estágio sabático no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, tendo como motivação a coleção de panaria Caboverdeana e Guineense do Museu. Integra a equipa do serviço educativo do MNE desde 2008 no âmbito do protocolo de colaboração entre os Ministérios da Cultura e da Educação.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (SELECÇÃO)

- 1989 Galeria 601, Lisboa
- 1990 Galeria dos Templários, Lisboa
Teatro Nacional D.Luís, Lisboa
Almadarte Galeria de Arte, Costa da Caparica
Monumento aos Descobrimentos, Lisboa
- 1992 Galeria do Turismo, Funchal
APPLA, Lisboa
Espaço GAN, Lisboa
Galeria de Arte Trindade, Lisboa
- 1993 Galeria de Arte Veredas, Sintra
- 1994 Galeria Espiral, Oeiras
- 1997 Espaço OIKOS, Lisboa
Museu Barbeito, Coleção Colombo, Funchal, Madeira
- 1998 Galeria Livraria Verney, Oeiras
Espaço OIKOS, Lisboa
Pavilhão CPLP e Pavilhão Guiné-Bissau, na EXPO'98
Galeria LCR, Sintra
- 1999 Galeria Pirâmide, Lisboa



- Galeria Santiago, Palmela
- 2002 Galeria de arte Bual, Amadora
- 2001 Encontros de Escultura ("A escola e a arte") - G. Verney, Oeiras
- 2002 Galeria de Arte LCR- Sintra
Instituto Camões, Espaço Lusofonia - Vigo, Espanha
- 2003 Galeria Pirâmide, Lisboa
- 2004 Convento de S.José, Lagoa
Centro Cultural Malaposta, Loures
- 2005 Através dos Panos, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa
- 2006 Viajantes do Tempo - Galeria L. Verney, Oeiras
Viajantes do Tempo - Universidade de Aveiro
- 2007 Viajantes do Tempo - Institut Franco Portugais
- 2008 V Bienal de São Tomé e Príncipe
- 2009 Panos d'obra Homenagem a Amílcar Cabral - Fund. Mário Soares, Lisboa
- 2010 Estórias Através dos Panos - Bibl. Fernando Piteira Santos, Amadora
- 2011 Panos d'obra - Casa Museu, Taipa - Macau
- 2012 Panos d'obra, Museu dos Lanifícios - Covilhã
- 2013 Panos d'obra - memórias do tempo, Forte Bom Sucesso, Lisboa
- 2014 Pano d'obra - narrativa de expressão plástica - Museu Jorge Vieira, Beja
- 2015 Mar, tanto mar, Fundação Neves e Sousa - Oeiras
Panos d'obra, Centro Municipal de Cultura, Ponta Delgada, Açores
- 2016 Panos d'obra, Edifício do Banco de Portugal, Leiria

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

- 1980 Grupo Arte Ver, Amadora
- 1985 Galeria 601, Lisboa
- 1988 Pavilhão Europa, Lisboa
- 1989 X Salão de Outono do Casino do Estoril
Festival da Paz, Marrocos
Salão Nacional de Filatelia, Lisboa
Aniversário da Casa dos Sete, Lisboa
Exponor, Aniversário da Associação Industrial Portuense
- 1991 Pintores africanos no BNU, Lisboa
PORT/ART, Portimão
Salão Primavera da Câmara Municipal de Lisboa
- 1992 Galeria I.M. em Bruxelas, Bélgica
Mural comemorativo do Dia de África, UCCLA
- 1993 Criarte, Instituto de Apoio à Criança, Centro Cultural de Belém, Lisboa
Fundação Ouro Negro, sociedade Nacional de Geografia, Lisboa
- 1995 NEOÁFRICA LUSÓFONA - Centro Balmes 21, Barcelona, Espanha
Homenagem a Fernando Pessoa na Galeria Verney, Oeiras
LUSOFONIA- Mindelo, Cabo Verde
RDP International

- Cimeira da CPLP no Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa
- 1997 Cromofonia Lusa I no Padrão dos Descobrimentos, Lisboa
Cromofonia Lusa II em Macau
As Cores do Arco-Íris, UNICEF
Aniversário da CPLP, Alcântara em Lisboa
- 1998 Painel de Intervenção - Bairros de Lisboa, Gab. Turismo Câmara M. Lisboa
- 1999 "Expressões D'África", SANTIAGO Galeria de Arte, Palmela
Universidade dos Açores, S.Miguel
Parque das Nações, Lisboa
Salão de Outono Casino Estoril
Galeria LCR, Sintra
Galeria Hexalfa, Lisboa
- 2000 Galeria Art House
Galeria Pirâmide, Lisboa
Sociedade Nacional de Belas- Artes, Lisboa
- 2001 Porto África, Porto
XVII Salão de Outono da Galeria de Arte do Casino Estoril
Painel para Dia Internacional da Tolerância (UNESCO)
Painel Comemorativo, Ano Internacional dos Voluntários (Culturgest, Lisboa)
Galeria Pirâmide
Artistas Lusófonos, S. Tomé e Príncipe
Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa
Exposição Colectiva em Macau (UCCLA)
- 2002 Universidade de Évora
Dia Internacional da Mulher - Galeria de Arte da Cervejaria Trindade
Sílabas e Afectos da Lusofonia – Centro Cultural Casapiano
- 2003 Galeria Pirâmide, Lisboa
Galeria Fitaes, Sintra
Universidade Lusfada, Lisboa
- 2004 Galeria Santiago, Palmela
Bienal de Artes Plásticas, S.Tomé e Príncipe
- 2005 Casa Santa Rita, Colares
- 2006 A Magia da Cor – SANDTON CIVIC ART GALLERY, África do Sul
- 2008 Semana Cultural da CPLP, Lisboa
Transáfrica: Fronteiras e Memórias, Deutsche Weille, Bona, Alemanha
- 2010 Casa Museu Dr. Medeiros de Almeida, Lisboa
O olhar do pintor sobre a República Portuguesa, Gal. Paula Cabral, Lisboa
- 2012 Consulado de Portugal, Paris
Museu de Arte Moderna, Sintra
- 2013 IV Bienal de Culturas Lusófonas, Loures
África Mostra-se - Arte urbana, Institut Franco Portugais, Lisboa
- 2014 Audio livro - Contos tradicionais da CPLP - ilustração de conto da Guiné
- 2015 Museu Municipal de Ourém – Itinerante, Hans C. Anderson, Ourém

OUTROS APONTAMENTOS

Entre outros foi distinguida com o Prémio CARTAZ, promovido pelo FAOJ/DGD, 1978; Menção Honrosa em Pintura - INTERARTE 1984; Prémio Obra de Mérito PORT/ART 91; Título de "Amigo"- UCCLA, 1992 e ainda o Prémio AI-UE Pintura (Dia de África), 1993.

REPRESENTAÇÕES

Câmara Municipal de Lisboa . Câmara Municipal da Amadora .
Câmara Municipal de Oeiras . Quinta Magnólia- Funchal .
Instituto de Tecnologia Educativa de Viana do Castelo . UCCLA .
Colecções Particulares em Portugal, Guiné, Brasil, Espanha, Alemanha e França.

BIBLIOGRAFIA

Aspectos das Artes Plásticas em Portugal, 1992. Edição Fernando Infante do Carmo.
Anuário das Artes Plásticas, 1997, Edição ESTAR.
Arte 98, Exposição do Livro Arte 98, Cordoaria Nacional. Edição Fernando Infante do Carmo.

EDIÇÕES

1994 - Edição da Serigrafia Deusa da Fertilidade, Atelier António Inverno.
1998 - Edição da Serigrafia 100 Anos do Aquário Vasco da Gama, Atelier Aladino Jasse.
1999 - Edição C.M.Sintra- Exposição Lusófona (catálogo geral).
2000 - Edição C.M.Sintra- ComAmor Envio um postal de Sintra.
2001 - Edição C-M-Sintra- Dos anjos a beleza e formosura.



Obras de **Manuela Jardim** expostas no Banco de Portugal. Leiria, 2016

Conceito e Curadoria / Concept & Curator
Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva / Management
Nuno Espinho

Produção e Comunicação / Production & Communication
Graça Rodrigues

Design Gráfico / Graphic Design
CCN

Produção / Production & Communication
Perve Galeria

Assistente de Produção / Production Assistant
Sofia Paulino & Alex Mudry

Impressão / Print and Copyright
Perve Global, Lda

Organização / Organized by
Colectivo Multimédia Perve

CASA DA LIBERDADE - MÁRIO CESARINY
Rua das Escolas Gerais 13
1100-218 Lisboa

www.pervegaleria.eu

casadaliberdade@pervegaleria.eu
Horário: 2ª a sábado das 14h às 20h
tel. 218822607/8 - tm. 912521450

Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia
[Linha Azul] e Eléctrico 28

Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de
S.Vicente de Fora e Largo da Feira da Ladra
[excepto 3ª feira e Sábado]



**COLECTIVO
MULTIMÉDIA
perve**
16º Aniversário



Ideias Construídas - Aromas da Memória II
Téc. mista s/ serapilheira, 180x100cm, 2015 | MMJ48

CT-52 | Maio, 2016 | Edição © Perve Global – Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.